



PALESTINA OU “TERRA DE ISRAEL?”

Por Dave Hunt

Pergunta: Eu estou intrigado com a sua afirmação: “a terra chama-se Israel, não Palestina...” O termo “Palestina” é usado quatro vezes na Bíblia (N.T., ocorre especificamente na versão inglesa denominada *King James Version*). Em Êxodo 15.14, “Palestina” é um sinônimo para a terra de Canaã. Em Isaías 14.29,31, o termo identifica toda a região que inclui tanto a Judéia como Samaria. Em Joel 3:4, o vocábulo denota a zona costeira a leste do Mediterrâneo. O nome “Palestina” foi utilizado, universalmente, por todos os povos, inclusive o povo judeu, para indicar toda aquela área, durante o período em que ficou sob mandato Britânico – 1918 a 1948. Por favor, esclareça o seu ponto de vista.

Resposta: A palavra hebraica que ocorre nestas quatro referências é *Peleshet*. Esta pequena região também se referia à Filístia (Sl 60:8; 87:4; 108:9). É evidente que não era “sinônimo para a terra de Canaã”, e também não indica “toda a região que inclui tanto a Judéia como Samaria”. Pelo contrário, refere-se especificamente à terra dos *Pelishet*, ou Filisteus, na mesma localização, porém um pouco mais extensa do que a atual faixa de Gaza, assim designada em referencia à cidade filistéia de Gaza. As outras cidades dos filisteus foram Asdobe, Gate (cidade natal de Golias), Gerar e Ecrom. Eles não eram um povo de origem semítica, mas invadiram Canaã pelo mar, através do Mediterrâneo, e ocuparam aquela determinada área antes que os israelitas chegassem.

Neste caso, os Filisteus não foram os “habitantes originais da terra”, pelo contrário, desalojaram outros, assim como foram finalmente desalojados de Israel. Os árabes que lá vivem hoje em dia (que são Semitas), não podem reivindicar nenhum relacionamento étnico, lingüístico ou histórico com os Filisteus, nem podem justificar algum direito, sob qualquer pretexto, ao se denominarem Palestinos.

Em Êxodo 15:14-15, fica nítido que “Palestina não é sinônimo de Canaã”. Também é evidente que Isaías 14:29,31 não se refere à terra de Israel, pelo fato de que a passagem promete benção para Israel a anuncia destruição para a Palestina (junto com a Babilônia, a Assíria, Moabe, e outros). A sentença, “mas

farei morrer de fome a tua raiz, e serão destruídos os teus sobreviventes” (v. 30), prediz o fim da “Palestina” (ou seja, dos Filisteus e seus descendentes). Isto está em franco contraste com a declaração, *“que o Senhor fundou a Sião (Israel)”* (v. 32), e com as diversas promessas de posse eterna daquela terra, feitas a Israel.

“Toda a região” da terra prometida, por 31 vezes nas Escrituras, é chamada de “a terra de Israel”. Em muitas outras ocorrências bíblicas “Israel” significa tanto o povo, quanto a terra. É um insulto a Deus e a Seu povo, a quem Ele deu esta terra, chamar a terra de Israel por um nome que homenageia os seus principais inimigos, os Filisteus!

Lamentavelmente, a maioria das Bíblias promove esta fraude. Os mapas localizados na seção final da *Scofield Reference Bible* (A Bíblia de Scofield com Referências) mostram os seguintes títulos no original inglês: “A Palestina Sob o Domínio dos Macabeus” e “A Palestina no Tempo de Cristo” (o que não ocorre com a versão portuguesa). Na verdade, a terra que Deus deu ao Seu povo escolhido, era conhecida apenas como Israel até o ano de 135 d.C., quando os Romanos, furiosamente, a renomearam de Palestina em homenagem aos Filisteus, para provocarem os judeus. Que não honraremos os inimigos de Israel, ao chamarmos a terra prometida de Israel, que Deus afirma ser a Sua terra (Lv 25:23), pelo nome pagão de “Palestina”!

APÊNDICE EXTRAÍDO DO MANUAL BÍBLICO DE HALLEY (P. 810-13)

A Primeira Revolta nos anos d.C.

Durante a vida de Jesus, a Palestina desfrutava de uma quietude atípica. O historiador romano Tácito, falando da Palestina durante o governo do imperador Tibério (14-37 d.C.), diz quase com um suspiro de alívio: “Paz com Tibério”. Mas não duraria.

A reconstrução e o embelezamento do templo, em Jerusalém, começados por Herodes, o Grande em 20 a.C., foram finalmente completados em 64 d.C. – 60 anos depois da morte deles. Apenas dois anos mais tarde, os zelotes, uma seita judaica fanática, instigaram uma violenta insurreição contra Roma. Em 70 d.C., a revolta foi esmagada e Jerusalém e o Templo foram destruídos.

A última fortaleza dos revolucionários foi Massada, local escolhido principalmente por ser de fácil defesa, com declives íngremes ao redor. O exército romano sitiou Massada em 70 d.C. montaram um acampamento cujos

restos ainda podem ser vistos – e passaram vários anos de frustração atacando o monte com catapultas e outras máquinas de guerra. Finalmente, os romanos resolveram apelar para a única estratégia que lhes sobrara: construíram um enorme aterro, que subia pelo lado do monte, até conseguir chegar ao topo.

A segunda Revolta nos anos d.C.

Depois disso, a Judéia voltou a ser relativamente pacífica durante cerca de 60 anos. Mas então o imperador Adriano (117-138 d.C.) resolveu reconstruir Jerusalém como cidade pagã, a ser chamada *Aelia Capitolina*, em homenagem a Júpiter, o principal deus do panteão romano. Além disso, proibiu a circuncisão, que durante dois milênios tinha sido marca indelével do judaísmo.

Esses dois ultrajes provocaram a segunda revolta de grande magnitude contra Roma em 132 d.C. comandada por Shimon bar Kokhba. Os judeus conseguiram resistir aos romanos durante três anos, mas já em 135 d.C. os romanos tinham esmagado a rebelião, e suas medidas punitivas eram severas. A província já não devia ser chamada de Judéia, mas “Síria Palestina”. Jerusalém foi reconstruída como cidade pagã, e qualquer judeu que entrasse na cidade era sumariamente executado.

E o mais grave: a queda da Judéia levou à perseguição dos judeus por todo o Império Romano. Além disso, alargou-se a brecha entre judeus e cristãos, pois os cristãos interpretavam esses fatos como a comprovação de que Deus transferira dos judeus para a igreja cristã o seu favor. A Diáspora – ou dispersão dos judeus – que, com exceção do período do exílio na Babilônia, era simples opção dos judeus, agora era uma necessidade.

□ □